

O PIERRÔ apaixonado da Vila

por MÔNICA SINELLI

O bebê de quatro quilos que precisou de fórceps para ver a luz do mundo não prenunciava o menino que cresceu magrinho e debilitado nas ruas de Vila Isabel. Da mesma forma, é impressionante examinar o valioso patrimônio de mais de 250 composições construído pelo homem que, sempre às voltas com problemas pulmonares, morreria tão jovem, aos 26 anos. Parece ontem, mas estamos no mês do centenário de nascimento de Noel Rosa, celebrado pelo ICCA com exposição e show, no exato dia do nascimento do poeta, 11 de dezembro.

Foi em curto intervalo de tempo — entre 1930 e 1937 — que Noel de Medeiros Rosa, nascido a 11 de dezembro de 1910, transformar-se-ia no principal artífice da conexão morro-asfalto na música brasileira. A gênese desse extraordinário legado reside na casa da Rua Teodoro da Silva nº 30 (que mais tarde seria demolida para dar lugar a um prédio que leva seu nome), onde morou até falecer. O adolescente com o rosto deformado pelo ferro que afundou seu maxilar na hora do parto começou a aprender bandolim com a mãe — a professora Marta, que o alfabetizou — e violão com o pai, o gerente de camisaria Manuel. “Queixinho”, apelido que recebeu no Colégio São Bento, onde estudou até 1928, chegou a cursar dois anos de Medicina. Porém, a breve passagem pela faculdade não renderia mais que o samba Coração, com os improváveis versos “Coração/ Grande órgão propulsor/Transformador do sangue/Venoso em arterial...”. Logo, ele não vacilaria ao abraçar o samba.

Em 1929, o Bando de Tangarás, formado por Almirante, Braguinha, Alvinho e Henrique Brito, convidou Noel para se juntar ao grupo no violão e fazer sua primeira gravação — o samba “Mulher exigente”, de autoria do primeiro. E o futuro Poeta da Vila começou a compor a embolada “Minha viola” e a toada “Festa no céu”, registradas por ele no ano seguinte, quando já emplacaria o sucesso abre-alas de uma série prodigiosa. “Com que roupa?”, na sua própria voz, explodiria em todo o país no carnaval de 1930. Refletindo, segundo o autor, o “Brasil de tanga”, cheio de dificuldades, sobre ela corre uma historinha memorável. Debochador de plantão, Noel não livrou nem o agosto Hino Nacional que, em sua versão burlesca, iniciava com a gracinha “Elvira cor de manga/amarga e flácida...”. Convertido no samba “Virundum”, a marcha solene teve seus três compassos inaugurais aproveitados na introdução do que viria a se chamar... “Com Que Roupa”. Por sugestão de Homero Dornellas



(parceiro de Almirante em “Na Pavuna”), antes de gravá-la, os tais compassos univitelinos sofreram a devida inversão para fugir do plágio.

LÍRICA DE SABOR POPULAR

O fato é que, entre uma parada forçada e outra para tratamento da tuberculose, Noel não deu mais descanso ao violão. Suas incursões nas comunidades de Mangueira, Salgueiro, São Carlos, Serrinha, Gamboa e outras, na cola dos compositores negros que produziam o melhor samba carioca, renderam parcerias até então inéditas entre o asfalto e o morro, como as que estabeleceu com Cartola, Bide e Antenor Gargalhada. Essa ponte com a música da favela desemboca numa ruptura com a grandiloquência característica das letras de música da época. E transborda numa lírica de sabor popular, irreverente e crítico aos temas socioeconômicos, tão ao jeito da cidade e que são traços indissociáveis das letras de Noel.

Paralelamente às gravações solo, ele continuou se apresentando com os Tangarás e compondo com Braguinha, Lamartine Babo, Ismael Silva e Custódio Mesquita. Em 1932, conheceu Vadico, seu futuro parceiro em dez composições, a primeira delas o hoje clássico Feitio de oração.

O ano seguinte seria de mais sucessos: Fita amarela, Onde está a honestidade, Três apitos, Não tem tradução (com Ismael Silva e Francisco Alves) e Filosofia (com André Filho). Ainda naquele ano, teve início sua famosa polêmica com o compositor Wilson Batista, autor de Lenço no pescoço, que fazia a apologia do sambista malandro, ideia com a qual Noel não comungava, por achar que denegria a imagem da classe. Em resposta, o boêmio da Vila escreveu Rapaz folgado, que só foi gravada após sua morte por Aracy de Almeida — a intérprete mais identificada com sua obra, embora sua preferida em vida tivesse sido Marília Baptista —, rebatendo: “Malandro é palavra derrotista/Que só serve pra tirar/Todo valor do sambista”. A tréplica de Wilson veio com Mocinho da Vila, que também não teve registro em disco. Aparentemente, estava dissolvida a cizânia.

DE RIVAIS A PARCEIROS

Em 1934, Noel se casou com Lindaura, de apenas 13 anos, dez a menos do que ele, por pressão da mãe da moça — grávida, ela viria a perder o filho. Mas viveu paixões por outras mulheres que se tornaram musas de seus sambas. Para a maior de todas, Ceci, dançarina do Cabaré Apolo, na Lapa, dedicou joias como Último desejo



As incursões de Noel Rosa nas comunidades de Mangueira, Salgueiro, São Carlos, Serrinha, Gamboa e outras, na cola dos compositores negros que produziam o melhor samba carioca, renderam parcerias até então inéditas entre o asfalto e o morro

**Mais força
para o Rio.**

**R\$ 500 MILHÕES
INVESTIDOS NA REDE
ELÉTRICA EM 2010:
MAIS QUALIDADE
E SEGURANÇA.**

A Light está realizando diversas obras em toda a sua área de concessão. Em 2010 serão investidos R\$ 500 milhões na rede elétrica. As obras vão melhorar a energia fornecida, aumentar a segurança da rede e atenuar o risco de interrupção de energia.



O RIO É LIGHT

Agência Virtual ou Clique-Light (www.light.com.br);
Disque-Light 24 horas (0800 282 0120) e Agências Comerciais.



Raro gouache de Heitor retratando o próprio Pierrô apaixonado

Em 1935, Noel estourou mais uma vez nas paradas com a marcha Pierrô apaixonado (tendo Heitor dos Prazeres como parceiro) e, no ano seguinte, realizaria suas últimas gravações: Quem ri melhor e Quantos beijos, que fez com Vadico

e Pra que mentir? (com Vadico). Este seria o parceiro também na antológica Conversa de bofetim, que revela à perfeição seu talento como cronista do Rio: “Seu garçom me empreste algum dinheiro/Que eu deixei o meu com o bicheiro (...) Vá perguntar ao seu freguês do lado qual foi o resultado do futebol”.

Um ano depois, seria retomada a artilharia musical com Wilson Batista, que escrevera um samba para alfinetar Feitiço da Vila. Noel mandou na lata os versos de Palpite infeliz, cutucando: “Quem é você que não sabe o que diz/Meu Deus do céu,/Que palpite infeliz!/Salve Estácio, Salgueiro Mangueira/Oswaldo Cruz e Matriz/Que sempre souberam muito bem/Que a Vila não quer abafar ninguém/Só quer mostrar que faz samba também”. Batista devolveu a provocação com Frankstein da Vila e Terra de cego, que ficaram sem resposta. Os dois compositores travaram contato pessoal no restaurante Leitão, na Lapa, instaurando-se um clima amistoso, quando Noel pediu ao contendor para criar uma nova letra

para a melodia de Terra de cego. Nascia, ali mesmo, Deixa de ser convencida, provavelmente mais uma poesia inspirada em Ceci. A rixa que surgira a partir de uma música morreria com outra. Ponto para os meninos do samba. Ainda em 1935, Noel estourou mais uma vez nas paradas com a marcha Pierrô apaixonado (tendo Heitor dos Prazeres como parceiro) e, no ano seguinte, realizaria, com Marília Baptista, suas últimas gravações: Quem ri melhor e Quantos beijos, que fez com Vadico.

Já agravado seu estado de saúde, em 1937 comporia seu derradeiro samba, Eu sei sofrer: “Quem é que já sofreu mais do eu/Quem é que já me viu chorar?/Sofrer foi o prazer que Deus me deu/Eu sei sofrer sem reclamar/Quem sofreu mais do que eu não nasceu/Com certeza Deus já me esqueceu”. Na noite de 4 de maio, o poeta da Vila faleceria na casa da Teodoro da Silva. Diversas versões envolvendo sua morte circularam na imprensa, em que há referência até a um ataque cardíaco. À beira de seu túmulo, Ary

Barroso discursou, emocionado, em homenagem ao parceiro.

Inteligência intuitiva

Sem herdeiros de sangue, Noel deixou uma legião de admiradores de sua intensa obra, como o jornalista e escritor Ruy Castro, que guarda no músico um talismã: “Minha primeira matéria assinada na grande imprensa (Correio da Manhã) foi sobre Noel, pelos 30 anos de sua morte, no dia 4 de maio de 1967. Ou seja, não poderia ter começado mais por cima — daí a luta, em todos esses anos, para manter o nível. Naquela noite, fui ao Museu da Imagem e do Som (MIS), onde havia uma exposição sobre Noel, e lá estava a minha matéria, pregada num tabique. Enquanto eu a lambia com os olhos, um rapaz se aproximou e disse: “Você é o Ruy Castro? Eu sou o Ricardo Cravo Albin (então presidente do MIS). Venha cá, quero lhe apresentar a algumas pessoas.” Levou-me até a sala ao lado e me apresentou a quem? Pixinguinha, Donga, João da Bahiana, Braguinha, Paulo Tapajós e Almirante. Em 30 segundos, apertei a mão de toda a história da música brasileira. Naquela noite eu tinha 19 anos e achava que, a partir dali, todas as noites seriam fabulosas como aquela”, reaviva Ruy.

O maestro Rildo Hora, produtor do recém-lançado CD Martinho da Vila Canta Noel Rosa com Elas (Biscoito Fino) — em que o sambista interpreta dez faixas de autoria exclusiva do gênio da Vila, ao lado das filhas Mart’nalía, Analimar e Maíra e, também, Ana Costa, Aline Calixto e Patrícia Hora (filha de Rildo) —, analisa: “O principal na personalidade de Noel é a inteligência para falar dos assuntos de forma humorística. Todo mundo fica encantado, como o próprio Chico Buarque. Mesmo nas músicas de amor, tipo dor de cotovelo, como Último desejo, ele consegue ser um poeta interessante e bem inspirado. Criou fórmulas novas, com muitas nuances

Diário da Noite, 5 de maio de 1937

Morreu Noel Rosa. Após alguns minutos, a cidade inteira já sabia. Noel, o popular cantor e compositor dos morros da cidade, que sempre se destacou pelas suas produções, deixa a vida para ir de encontro a um novo mundo.

Noel morreu subitamente em consequência de um colapso cardíaco, quando na rua Theodoro da Silva n. 382 o querido compositor encontrava-se em companhia de sua progenitora, esposa e alguns amigos palestrando recostado no leito. (...)

Cerca de 23 1/2 horas, o “sambista philosopho” pediu que fosse tocada uma das suas composições, no que foi atendido prontamente. Então, cantando “De Babado Sim”, Noel repentinamente deixou de viver desaparecendo da vida e deixando saudades.

Diário de Notícias, 5 de maio de 1937

Havia mezes vinha elle soffrendo de pertinaz moléstia, que lhe tirava toda a alegria. Hontem, à noite, em frente a sua residencia, à rua Theodoro da Silva, 382, em Villa Isabel, realizava-se uma festa familiar. Os rapazes, que compunham a orquestra, resolveram prestar uma homenagem a Noel, cantando em voz alta, o samba-desafio, de sua autoria, intitulado “De Babado Sim...” O compositor popular, que regressára havia três dias, de Pirahy, onde fôra mudar de ares, ao ouvir a musica, teve um estremecimento e morreu, talvez de emoção.



O Jornal, 5 de maio de 1937

Encontrava-se ele enfermo há várias semanas e os que o conheciam nada auguravam de bom, dado o seu physico franzino. Entretanto, ainda recentemente, concedeu uma alegre entrevista a uma de nossas revistas de rádio, traçando então os seus planos para o futuro. Não quiz o destino que se justificasse o seu optimismo.

Correio da Manhã, 6 de maio de 1937

Sem obter melhoras no Pirahy, Noel Rosa regressou a esta capital para succumbir entre os desvelos de soa veneranda mãe e de sua esposa. Na hora da agonia, ouvindo os acordes de uma orchestra próxima ao seu leito de dôr, mandou pedir a execução de um samba de sua autoria e logo depois expirava.

sacadas sempre surpreendentes, não só no texto, como — mesmo de maneira intuitiva, sem formação acadêmica - na melodia, originalmente rica”.

nesse ínterim, na urca...

Uma imponente edificação — concebida em estilo eclético pelos arquitetos Archimedes Memória e Francisco Couchet — foi erguida, junto à praia da Urca, para atender os visitantes da Exposição de 1922: o Hotel Balneário, que viria a conhecer uma era de ouro depois de se transformar em cassino, onze anos mais tarde. Na década de 30 — quando a carreira de Noel estava no auge e se liberou o jogo no Brasil —, o Cassino da Urca constituiu endereço preferencial, não só para os amantes da roleta e do carteadado da alta sociedade, como os apreciadores das variadas atrações da vida noturna, inclusive estrangeiros. Sim, porque nem só de rodadas e mais rodadas de risco vivia o glorioso Cassino da Urca, na verdade, um complexo de diversões, que reunia shows de cantoras como Carmen Miranda — com direito, em uma noite, à ilustre presença de Walt Disney — e as irmãs Batista, ou das vedetes Aracy Cortes, Dercy Gonçalves e Elvira Pagã. Carlos Machado se tornou maestro da orquestra Brazilian Serenaders, a banda titular do Cassino, na qual tocavam Laurindo de Almeida e Dick Farney. O palco do teatro — que comportava 50 pessoas, mas podia ser ampliado para os grandes bailes — dispunha de plataformas e elevadores, de forma a que uma orquestra pudesse ceder lugar a outra, sem interrupções. No cardápio, imperava a culinária francesa, escoltada por fina porcelana e talheres de prata. O prédio teve sua proposta de tombamento aprovada em julho de 2009.

gegê e as artes

A época de ouro de Noel coincide com os dois primeiros mandatos de Getulio Vargas no

comando do país: de 1930 a 1934, como chefe do Governo Provisório, e de 1934 a 1937, como presidente eleito pela Assembleia Nacional Constituinte. Pioneiro do marketing político de culto à personalidade no Brasil, o ilustre inquilino do Palácio do Catete foi doutor na apropriação da arte como um poderoso veículo de comunicação de massa. Criou vários órgãos específicos na área da cultura, a exemplo do Serviço do Cinema Educativo, Serviço Nacional do Livro, Serviço Nacional de Teatro, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Museu Nacional de Belas Artes. Aproximou-se dos próceres da Semana de Arte Moderna e, na Revista Cultura Política, ligada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) — que no Estado Novo assumiu o posto de censor —, apareciam intelectuais como Manuel Bandeira, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre. O maior gênio da música erudita brasileira também não escapou de associar seu prestígio à administração do caudilho gaúcho. Em 1932, Villa-Lobos foi nomeado superintendente de Educação Musical e Artística do então Distrito Federal, promovendo grandes concentrações orfeônicas.

O mestre dos engenhos propagandísticos desferiria ainda um golpe demolidor. Em 1936, ano



A Noite, 5 de maio de 1937

A cidade chora, nesta notícia, o desaparecimento do expoente máximo do sambista carioca. A letra era repleta de uma filosofia humana. Sentira a necessidade de ambientar a música que vivia nos morros ao convívio da cidade.

É seu esse samba canção: “Naquelle tempo em que você era pobre / Eu vivia como nobre / A gastar meu vil metal / E, por minha vontade / Você foi para a cidade / Esquecendo a solidão / E a miséria daquelle barracão./ Tudo passou tão depressa. / Fiquei sem nada de meu / E esquecendo a promessa / Você me esqueceu. / E partiu, com o primeiro que apareceu / Não querendo ser pobre como eu”. Dizem que essa história foi vivida.

Diário Carioca, 6 de maio de 1937

O povo carioca perdeu hontem, com a morte de Noel Rosa, um dos intérpretes mais perfeitos da sua poesia. Poeta instintivo, observador profundo da vida das populações paupérrimas da cidade, Noel Rosa, compreendeu, logo no início de sua vida de homem, a necessidade que havia de realçar-se a lidima poesia popular da terra, a despeito de toda a miséria que assoberbava o modo de viver das populações dos bairros mais afastados da cidade.

A época de ouro de Noel coincide com os dois primeiros mandatos de Getúlio Vargas no comando do país: de 1930 a 1934, como chefe do Governo Provisório, e de 1934 a 1937, como presidente eleito pela Assembleia Nacional Constituinte



da morte de sua mãe e um antes do passamento de Noel, entrava no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Estrondoso sucesso no país inteiro, a PRE-8 lançou as estrelas que dariam corpo ao Teatro de Revista, ao qual o todo-poderoso militar vindo de São Borja, Getúlio soube extraordinariamente, atrelar sua imagem. Ao bater ponto nos espetáculos, tirar fotos ao lado das vedetes e rir das caricaturas que sobre ele produziam, o ditador forjou a simpática figura do Gegê, o velhinho boa-praça, cujo sorriso no retrato na parede fazia o povo trabalhar.

alcaides na gestão musical de Noel

Com a deposição de Washington Luís e a vitória da Revolução de 30, ocupou a prefeitura do Rio o intendente Adolfo Bergamini, confirmado, posteriormente, no cargo pelo chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas. Bergamini reestruturou a administração municipal, ampliando o quadro das antigas repartições, e aprovou projetos de abertura de ruas e loteamentos. Mas, com menos de um ano no posto, foi substituído, interinamente, por seu diretor de Obras, Julião Freire Esteves, e, em definitivo, pelo novo interventor na capital da República, Pedro Ernesto.

Essa gestão foi relativamente longa, embora descontínua: até 1935, ele atuou sob a condição

de interventor e, a partir de então, passou a prefeito do Distrito Federal. Entre os destaques de suas iniciativas, sobressaem a construção e o equipamento de uma rede de hospitais – como o Getúlio Vargas, na Penha, e o Pedro Ernesto, na Vila de Noel – e escolas públicas, a exemplo da Universidade do Distrito Federal. Em 1933, o município carioca ganhou grande visibilidade com a promoção do 1º Prêmio Cidade do Rio de Janeiro de Automobilismo, feito que entronizou o Brasil no rol dos países que participavam dessa modalidade esportiva. O circuito partia do contorno do Morro Dois Irmãos, seguindo a Avenida Niemeyer, a Estrada da Gávea, a Rua Marquês de São Vicente e a Praça Santos Dumont, até chegar à Avenida Visconde de Albuquerque, no Leblon. Em razão do afastamento de Ernesto, em 1936, coube substituí-lo o cônego Olímpio de Melo, presidente da Câmara dos Vereadores. Durante seu breve governo, destacam-se obras como a pavimentação em concreto da Pista da Gávea, para atender às corridas de automóveis, em moda na época, e a concretagem da Estrada do Joá. A aprovação do Código de Obras do Distrito Federal – regulamentação que serviu de modelo a diversas outras municipalidades brasileiras – constituiu o ato final dessa administração, em julho de 1937, dois meses após a morte de Noel Rosa. ■